

novos ciclos



Editora
Renovada
MATERIAIS QUE RENOVAM VIDAS

pág. 2

O LÍDER QUE
PREVALECE

pág. 3

CIDADANIA E REINO DE DEUS:
IPRB PROMOVE ENCONTRO
ONLINE COM MINISTRO DO STF,
PASTOR ANDRÉ MENDONÇA

pág. 6

OS NOVOS CICLOS E O
DESAFIO DE REAVALIAR
OS PROJETOS

pág. 7

OS NOVOS CICLOS E
A ADMINISTRAÇÃO
FINANCEIRA

pág. 8

O MINISTÉRIO PASTORAL
E OS DESAFIOS DOS
NOVOS CICLOS

pág. 9

O ALTAR DA DEVOÇÃO: ELEMENTO
FUNDAMENTAL PARA O SUCESSO
DIANTE DOS NOVOS CICLOS

O LÍDER QUE PREVALECE

(Josué 1:1-9)

As Escrituras apresentam Josué como um líder de relevo. Sua liderança tem se constituído numa referência para o povo de Deus em diferentes épocas. A narrativa bíblica dá um particular destaque para sua capacidade em aproveitar corretamente as oportunidades que o Senhor lhe proporcionou. Ele surgiu na história bíblica em um contexto de batalha: “E Josué venceu a Amaleque e a seu povo a fio de espada” (Êxodo 17:13). A partir deste episódio, consolidou seu nome como um dos mais proeminentes líderes da história de Israel.

Até a batalha contra os Amalequitas, Josué foi um personagem com pouca proeminência na história dos hebreus. Contudo, a partir daquela peleja, ele se revelou um guerreiro preparado e demonstrou ser um líder estrategista. Josué teve uma trajetória marcada por muitos desafios, que foram por ele enfrentados como oportunidades. Isso foi determinante para que ele se tornasse um habilidoso líder, que conduziu o povo de Deus à conquista da terra prometida. A história e o legado de Josué nos apresentam as marcas de um líder que prevalece. Vejamos:

PREPARA O FUTURO COM LEALDADE

“E sucedeu depois da morte de Moisés, servo do SENHOR, que o SENHOR falou a Josué, filho de Num, servo de Moisés” (Josué 1:1).

Antes de ser um líder de sucesso, Josué foi um liderado leal. Sua trajetória revela um homem disposto a servir. Depois de ter vencido a primeira batalha, ele se mostrou disposto a seguir Moisés e a aprender com ele. Revelou-se um soldado corajoso, obediente, humilde e eficiente. Tornou-se um dos mais habilidosos soldados do exército de Israel, e isso não comprometeu sua lealdade a Moisés, a quem sempre honrou. Como guerreiro, Josué foi vitorioso em muitas batalhas, porém, o sucesso não afetou seu compromisso de submissão e de lealdade ao líder constituído por Deus.

Josué acompanhou Moisés em diferentes circunstâncias. Esteve com seu líder em momentos fáceis e difíceis. Não deixou de segui-lo quando os problemas

surgiram. Durante os longos quarenta anos em que os israelitas permaneceram no deserto, Josué serviu a Moisés com extrema lealdade. Construiu passo a passo seu futuro promissor. Em nossa jornada ministerial devemos sempre considerar que um liderado leal, pavimenta o caminho para uma futura liderança de sucesso. Em seu ministério, decida servir um líder e caminhar com ele em todos os ciclos. Construa uma história de lealdade e não gaste suas energias para desconstruir a história de outras pessoas.

ENFRENTA OS DESAFIOS COM CORAGEM

“Moisés, meu servo, é morto; levanta-te, pois, agora, passa este Jordão, tu e todo este povo, à terra que eu dou aos filhos de Israel” (Josué 1:2)

Este episódio apresenta um dos maiores desafios que Josué enfrentou em sua trajetória: assumir a liderança da nação de Israel. Substituir Moisés era uma tarefa desafiadora, pois tratava-se do mais proeminente líder da história dos hebreus, aquele que fora o responsável por conduzir o povo de Deus à liberdade. Na memória afetiva dos israelitas permanecia a lembrança da autoridade espiritual de Moisés, o líder que conduziu o processo de formação da identidade nacional de Israel. Após sua morte, Deus convocou Josué para assumir a missão de conduzir Seu povo à terra da promessa.

Mesmo entristecido com a morte de seu líder e amigo, Josué não fugiu do desafio que o Senhor lhe outorgara. Depois de ter auxiliado Moisés durante um longo período, ele tinha a clareza do que representava liderar os israelitas em um momento decisivo de sua história. Quando recebeu do Senhor a tarefa de liderar a nação na conquista da terra de Canaã, Josué não se acovardou, não temeu os inimigos e nem recuou diante das dificuldades que a função apresentava. Como líderes que prevalecem, não podemos fugir dos desafios, mas sim enfrentá-los com coragem, pois com a bênção de Deus, os desafios são superados.

CONQUISTA AS PROMESSAS COM PERSEVERANÇA

“Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, eu vos tenho dado, como prometi a Moisés” Josué 1:3

Quando o Senhor comissionou Josué para aquela desafiadora tarefa, Ele fez grandiosas promessas. A despeito das dificuldades que a missão apresentava, Josué recebeu de Deus a garantia de que a vitória seria certa. Ao declarar: “[...] como fui com Moisés, assim serei contigo. Não te deixarei, nem te desamparei” (Josué 1:5), o Senhor estava garantindo a Josué Sua poderosa e abençoadora presença. Ele não enfrentaria sozinho os desafios da liderança. Diante das demandas da missão, Deus lhe daria o necessário suporte. Ele enfrentaria as batalhas com a certeza de que a boa Mão do Senhor o conduzira em triunfo.

A liderança traz em seu bojo ônus e bônus. Ao assumir a responsabilidade de liderar a nação de Israel, Josué recebeu também o desafio de encarar dezenas de batalhas. Para obter êxito em sua missão, teve que perseverar nas promessas. No momento em que o comissionou, Deus lhe prometeu: “Ninguém te poderá resistir todos os dias da tua vida” (Josué 1:5). O líder que prevalece precisa acreditar na fidelidade de Deus em cumprir suas promessas a despeito das dificuldades da missão. As promessas de Deus nunca falham. Seus propósitos são soberanos. Quando as circunstâncias forem desanimadoras, inspire-se nas promessas divinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Josué foi um líder forjado no discipulado. Foi pastoreado por Moisés. Sua história nos ensina que antes de se tornar um líder vitorioso, é necessário ser um servo humilde e um liderado leal. O sucesso de sua liderança esteve diretamente relacionado à sua confiança nas promessas divinas. Os ciclos ministeriais mudam, contudo, as promessas prevalecem, pois elas não se limitam ao tempo e às circunstâncias. Como líderes Renovados, devemos permitir que a luz das promessas divinas ilumine os nossos passos. Diante dos desafios dos novos ciclos, precisamos descansar no poder da presença do Senhor e confiar em Suas maravilhosas promessas.

Pr. Advanir Alves Ferreira
Presidente da IPRB



ENCONTRO ON-LINE

CIDADANIA E REINO DE DEUS

COM O MINISTRO DO STF E PASTOR

André Mendonça



REALIZAÇÃO
Diretoria Executiva
da IPRB

11 DE MARÇO
ÀS 19H30



Público-alvo: Pastores, presbíteros, diáconos, diaconisas, evangelistas, missionários, líderes em geral e membros das igrejas



LINK AO VIVO <https://rebrand.ly/IPRTVaovivo>

O DESAFIO DOS NOVOS CICLOS NA VIDA PASTORAL

Por Erasmo Carlos dos Santos

A vida humana em sua totalidade, da fecundação à morte física, compõe-se de ciclos, fases, etapas: bebês, crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos e, finalmente, a morte. Embora todas essas etapas ocorram cronologicamente na linha do tempo da existência, verificam-se inúmeros fatores socioculturais e ambientais que interferem no desenvolvimento do indivíduo.

O que são ciclos? São fenômenos de mudanças, que acontecem no processo de desenvolvimento biológico, social, histórico, filosófico, psicológico, familiar, e que envolvem o indivíduo em sua relação com o ambiente e seu modo de existir no mundo.

Na teoria psicossocial do desenvolvimento de Erik Erikson, ele aponta oito estágios que caracterizam a totalidade da vida humana e que se interligam pelo tempo de vida. A teoria psicossocial de Erikson realça que à medida que cada estágio da vida se desloca para um novo ciclo, acontece uma aglutinação de experiências na formação do indivíduo, que por sua vez o conduz para o estágio subsequente e o constrói como pessoa no mundo, (CALL p.168-169).

Todavia, nesse processo de desenvolvimento, cada passagem de ciclo é marcada por uma crise, caracterizada pelo que Erikson chamava de “crise” (CALL p.169). Na visão de Erikson, na adolescência, por exemplo, verifica-se uma tensão entre identidade versus confusão de identidade, que logo se transforma numa crise. E assim, subsequentemente, até o último estágio.

O referencial teórico da teoria psicossocial do desenvolvimento de Erik Erikson serve como espelho para a reflexão sobre o desafio de novos ciclos na vida

pastoral, porque trata do estudo comportamental, levando em consideração a relação do organismo com o ambiente social na cronologia da vida. Todavia, ciclos não podem se restringir, fundamentalmente, a um processo cronológico, de sucessivos períodos de tempo até a morte, mas também como um fenômeno ontológico na existência humana presente, agora. Nesse sentido, a maneira como cada indivíduo interpreta as situações que saem do controle na vida, na família, na profissão, podem se caracterizar como estágios no modo de existir, que se iniciam e se encerram, enquanto a cronologia da vida lhe empurra para a morte.

OS NOVOS CICLOS NA VIDA

Por que os novos ciclos são desafiadores na vida pastoral? Talvez pela chegada do novo, pela necessidade de mudança, de se abrir à criatividade. Quem sabe por ter que pensar, agir e sentir a vida de modo diferente. As possibilidades são muitas e variadas, quando o assunto reflete o posicionamento de ser pastor diante de mudanças ao longo da vida.

Muitas vezes o psiquismo do pastor, se vê povoado de pensamentos de desespero, frustração e medo do futuro. Pensamentos geram sentimentos, que se traduzem em ações. O pastor é uma pessoa que existe no tempo/espaço. Tem diante si desafios que se apresentam desde seu chamado até sua jubilação, e outros de natureza existencial mesmo, no sentido de não se sentir realizado.

Percebe-se biblicamente, que a vida pastoral acontece no quadro maior da história da redenção, na chamada era do Es-

pírito até que o Senhor venha (Atos 1:6-11). O pastor como um personagem que não existiria se não existisse a igreja, comunidade de redimidos e proclamadora da mensagem de redenção. É nesse contexto, que os novos começos se tornam possíveis, dentro dessa tela ampla e abrangente dos “últimos dias” (Atos 2:17; 2Timóteo 3:1; Hebreus 1:1).

OS CICLOS DA VIDA PASTORAL

Diante disso, como lidar com as mudanças na vida pastoral? Os ciclos na vida pastoral são condições que surgem na temporalidade, impostas pela dinâmica do tempo e lugar, e, ainda, pelas variações de sua interioridade. Quero dizer com isso, que os ciclos são desafiadores, justamente porque não podem se basear numa cronologia linear com início, meio e fim, mas no significado que se dá aos conflitos da vida, às frustrações, às conquistas e vitórias.

Podem ocorrer mudanças no ministério em função do tempo? Sim. Como pelo fim do ciclo de pastorado numa igreja local, e, ainda, pelo pecado moral, crise econômica, conflito na igreja local, filhos desviados, traições, doenças mentais e tantas outras razões. Muitos pastores estão diante de novos começos com essa crise sanitária que o Brasil e o mundo vêm enfrentando nos últimos anos. E nesse sentido, encontram-se desanimados, cansados e desidratados. Mas quando Paulo esteve diante de tensões no ministério reagiu dizendo: “por isso, não desanimamos, pelo contrário, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia” (2 Coríntios

4:16).

As novas fases, os novos começos que surgem no circuito da vida pastoral, podem ser geradoras de crises e tensões. No cenário da atualidade muitos pastores estão sendo lançados a novas experiências de pastoreio; pois muitas igrejas locais estão sendo colocadas a prova em relação às suas formas de culto, de administração e de cuidado do rebanho. Como enfrentar essa realidade? Em João 10, a metáfora do Bom Pastor é uma figura bastante representativa da vida pastoral. Para alguns, essa imagem pode ser uma descoberta, para outros, uma redescoberta. De qualquer modo, a vida pastoral representa um lugar, onde o pastor convicto de seu chamado para andar e servir a Deus, identifica-se no aprisco do Supremo Pastor.

A METÁFORA DO BOM PASTOR

A figura do Bom Pastor, representa o modelo atemporal, não apenas de ser-pastor, de exercer seu ministério enquanto peregrino no mundo, mas de pertencer as ovelhas de Yahweh (Salmo 23). A vida pastoral em qualquer ciclo, seja temporal ou existencial, descansa na figura do Bom Pastor porque sua vida transcendeu a realidade posta, para cumprir o propósito de Deus pelo qual existia (Vanhonzer p.74-75). Desse modo, os ciclos da vida pastoral têm em Jesus, no Bom Pastor, a representação ampliada e plena para se viver os desafios que a vida lhe impuser.

E isso se evidencia no Novo Testamento, no exemplo apostólico. À medida que Paulo apresenta os sofrimentos de Jesus para consolar e encorajar a igreja em tribulação (2 Coríntios 1:4), nota-se a centralidade de Cristo na vida. O desafio de se perceber como ovelha, desnudada, frágil e carente de direção, confronta o pastor em sua condição primeira – ser ovelha do Supremo Pastor. O desafio de discernir a voz do Supremo Pastor (João 10:3), das vozes do mundo, da cultura e de seu próprio coração.

Quando João apresenta essa metáfora, o faz no contexto de líderes religiosos que debatiam o problema da cura do cego de nascença, um auditório que jamais imaginou ouvir Jesus dizer: Eu Sou o Bom Pastor! Os leitores originais do evangelho de João eram judeus da diáspora e, com certeza, lembraram-se da lei, profetas e salmos (Lucas 24:44).

E o Bom Pastor no texto, é a palavra encarnada, o Filho de Deus enviado ao mundo para fazer a vontade do Pai. Dentro do quadro maior da história da reden-

ção, Ele é o cumprimento de tudo que disseram os profetas no Antigo Testamento sobre aqueles dias (Romanos 1:1-4).

A METÁFORA DO BOM PASTOR E OS CICLOS NA VIDA PASTORAL

O que essa metáfora tem a ver com o desafio dos ciclos na vida pastoral? Tem tudo a ver! Porque pastores não podem ser controlados por eventos ou fatos em sua existência peregrina, mas pela convicção de seu chamado para se tornarem participantes da obra de redenção (1Pedro 2:8-10).

A vida pastoral na atualidade tem sido desafiada a experienciar a antítese da metáfora do Bom Pastor. Mas o Bom Pastor na teologia joanina, é a representação de Yahweh, do Pastor de Israel (Números 27:16-17; Salmo 23), que com sua vida de auto sacrifício revelou provisão, direção e segurança, o paradigma ideal para o pastor em qualquer estágio da vida pessoal ou ministerial.

Ele é o cumprimento da promessa que Yahweh fizera de que cuidaria de seu próprio rebanho (Ezequiel 34:15-17), diante de pastores que violavam seu lugar, abandonavam as ovelhas e viviam em torno de suas necessidades, Yahweh se posiciona como o cuidador de seu rebanho.

O Bom Pastor representa o referencial bíblico-teológico do ministério pastoral, na medida que se contrapõe a todo modelo definido pela cultura de mercado, pela sociedade líquida ou até mesmo pela tradição. É a representação perfeita, para o pastor experienciar os começos e recomeços na vida pastoral, iniciar e encerrar ciclos.

Como sacerdote, Jesus entregou-se sacrificialmente pelas ovelhas daquele aprisco e de outro aprisco, “ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco” (João 10:16). Como profeta, Jesus comunicou a palavra viva de Yahweh. Como rei, Jesus revelou toda sabedoria típica de um verdadeiro monarca. Desse modo, o Bom Pastor cumpriu toda promessa da Aliança apresentada no Antigo Testamento, e assim, abriu caminho para a nova criação.

Um novo começo, um novo ciclo na história da redenção. E nesse novo ciclo transcorre o ministério pastoral e todos os ministérios da igreja. Dito de outro modo, os ciclos da vida pastoral acontecem no grande ciclo da história da redenção. Será que essa compreensão produz consolo e encorajamento diante de frustrações, perdas, sofrimentos, escassez e enfermidades?

Os ciclos da vida pastoral precisam des-

cansar na teologia bíblica do Pastor de Israel, Yahweh, a partir da metáfora do Bom Pastor. Resgatar o sentido e o significado de ser-pastor lançado no mundo para experienciar a ação poderosa do Espírito habitando na ovelha-pastor, enquanto cumpre fielmente seu ministério.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ciclos da vida pastoral não podem ser compreendidos pela cosmovisão do mundo ante evangelho, da velha ordem, do mundo de Adão. Esta visão está carregada de autogratificação, autorrealização e autossatisfação. Promove rivalidade, competitividade, personalismo.

Em que estágio sua vida e ministério se encontra agora? O que tem sido feito para encerrar e iniciar novos capítulos em sua história? Talvez a razão dessa crise e tensão entre fim e começo no coração do pastor, esteja no fato de não aceitar a realidade imposta pelo tempo e circunstância, exigindo-se do pastor, um posicionamento no sentido de transcender a realidade percebida.

Todavia, qualquer que seja o momento, a estação de sua vida e ministério, quero admoestá-lo a descansar seu coração nas promessas que se cumpriram no Filho de Deus, e que se estenderam como um manto para o povo da nova aliança. Descanse no Filho de Deus, lance-se no presente, liberte-se da pressão do passado, daquilo que jamais voltará, e que se torna impedimento para recomeçar na vida. Tire seu olhar das expectativas do futuro, daquilo que ainda não aconteceu, e que o impossibilita de vivenciar o sentido pleno no agora, no instante, no presente.

Erasmu Carlos

O autor é presidente do Presbitério do Maranhão.

É pastor da IPRB desde 1993, pastoreia a IPR em São Luís -MA há 23 anos. É relator da comissão de Plantação e Revitalização de Igrejas da IPRB, Bacharel em Teologia, Licenciado em História, Especialização em Missiologia, Mestre em Ministério, Mestrando em Exposição Bíblica e acadêmico de Psicologia.

Bibliografia

BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2007.
HALL, Calvin S; LINDZEY, Gardner. Teorias da Personalidade. Artmed, São Paulo, 2000.
TIDBALL, Derek. Ministério segundo o Novo Testamento. São Paulo: Cultura, 2011.
VONHOZER, Kevin; STRACHAN, Owen. O Pastor como teólogo público. São Paulo: Shedd Publicações, 2016.

O DESAFIO DE REAVALIAR OS PROJETOS

Instabilidade talvez seja uma boa palavra para resumir o momento que vivemos. A tragédia de nossos dias fez com que fôssemos arrancados abruptamente das nossas rotinas eclesiais, gerando assim, um grande desconforto na liderança e nos membros das igrejas. Projetos, agenda, planejamento e organização são palavras comuns no dia a dia das nossas igrejas, fazemos isso para que, por meio dessas atividades, o Evangelho seja anunciado e o Espírito Santo conduza a sua Igreja: ensinando e consolando. Essa instabilidade faz dessa retomada um grande desafio para todos, pois as variáveis que envolvem esse período são muitas. Entre elas, podemos destacar o processo de esfriamento espiritual que levou muitas pessoas a se afastarem da igreja. O célere processo de aproximação com as mídias sociais que os cultos online exigiram, desafia-nos a reformatar nossos projetos, para enfrentar os desafios desse novo tempo.

Quando nos lembramos de Neemias e a árdua tarefa de reestabelecimento do culto em Jerusalém, vemos nessa personagem um grande exemplo de alguém que confiou na ação poderosa de Deus, para fazer o que precisava ser feito naquela dura situação, e dessa forma ter a certeza de que esse processo não pode ser feito sem que seja regado de oração e de dependência de Deus, para que as melhores decisões possam ser tomadas.

A trajetória de Neemias nos desafia a reavaliar nossos projetos ministeriais e eclesiais, para superar os desafios desse novo tempo. Há que se destacar, contudo, que o fundamento básico dos projetos não sofre alterações, pois a tarefa de nos dedicarmos às Escrituras e à oração independe do momento histórico e dos diferentes contextos. Tendo isso muito claro, precisamos enfrentar a batalha, sabendo também que tais ce-

nários podem favorecer o necessário ajuste da rota ou da correção do curso. Muitas vezes, o ritmo frenético da vida pode prejudicar o líder e levá-lo a perder o foco das coisas que realmente são importantes para sua vida pessoal e ministerial, com repercussões diretas no trabalho realizado na Igreja.

Os impactos causados pelo cenário pandêmico, de algum modo, podem se constituir como elementos facilitadores para que as mudanças necessárias sejam implementadas e causem menos desgaste para o líder e para a Igreja. É possível que o líder tivesse identificado a necessidade de fazer readaptações em determinados projetos da igreja, mas o receio dos problemas que poderiam ser desencadeados pela reformulação contribuiu para que ela fosse adiada. Com as necessidades impostas pelo cenário pandêmico, foi possível fazer readaptações e implementar importantes mudanças.

A Igreja, ao longo de toda sua história, teve que lidar com o desafio da reformatação de seus projetos e mudar sua rota. O exemplo mais emblemático de reformulação eclesial e doutrinária da Igreja, certamente, aconteceu no período da Reforma Protestante do século 16. Os reformadores eram homens movidos por uma profunda devoção a Deus, que foram instrumentos do Senhor para que a Igreja voltasse a trilhar o caminho do Evangelho genuíno. A ação de Deus foi quem tornou possível aquela tão importante mudança nos rumos da Igreja. Devemos considerar que o mesmo Deus que esteve com aqueles homens no processo de renovação da Igreja, também está conosco e continua conduzindo a Igreja com Sua poderosa Mão e com Sua providência.

O processo de reavaliar, reformatar e repensar os projetos ministeriais e eclesiais, exige do líder maturidade e

sabedoria, pois não se trata de descartar tudo o que já foi construído, mas sim, tomar como base o que já está implementado e fazer as adequações necessárias. Em alguns casos, basta adaptações suaves ao curso já estabelecido, para outros, é preciso uma mudança mais acentuada. No que tange à igreja local, faz-se necessário avaliar com cuidado os elementos que podem ser aproveitados e os que precisam ser reconfigurados. Em outras palavras, não é prudente e nem recomendável abdicar dos projetos que têm dado bons resultados.

Considerações finais

Portanto, nosso desafio é, a partir dos projetos já existentes na igreja e no ministério, encaminhar com perspicácia, a reformulação e a reconfiguração dos projetos. Diante dos novos ciclos, o pastor deve investir em sua vida devocional e, sob a direção do Espírito Santo, aproveitar os projetos já existentes e, quando necessário, submetendo-os ao processo de reciclagem. O pastor e a igreja devem, amparados nos princípios das Escrituras, adaptarem-se às condições dos novos tempos. A contextualização, todavia, não implica, de modo algum, em negociar os princípios da Palavra de Deus. Nosso desafio, como líderes, é anunciar o Evangelho da maneira mais eficaz possível, para tal, devemos depender totalmente do Senhor. Temos que investir tempo na oração e no estudo da Palavra, pois assim, a boa Mão nos conduzirá em triunfo.

Pr. Helton Helton Oliveira Gaspar

O autor é pastor auxiliar na Primeira IPR de Cianorte, PR.

É Bacharel teologia pelo SPR-C-NT.

Possui licenciatura em matemática pela Fafipa

OS NOVOS CICLOS E A ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA

Um dos desafios permanentes da igreja de Jesus sempre foi acompanhar os avanços da humanidade sem perder sua essência e fundamentos. Como bem sabemos, em determinados períodos históricos, especialmente durante a Idade Média, a Igreja acabou se desviando dos propósitos divinos, enveredando-se por caminhos da corrupção moral e espiritual. Nesse contexto, contudo, a Mão soberana do Senhor levantou Martinho Lutero e os demais reformadores no século 16, que lideraram o movimento de Reforma religiosa, que resultou na restauração do conceito bíblico da Igreja, do Evangelho e do Reino.

Recapitular tais fatos históricos, nos permite replicar a frase “ecclesia reformata et semper reformanda est”, que significa “igreja reformada está sempre se reformando”, dita pelo reformador holandês Gisbertus Voetius (1589-1676). O conceito de Reforma não sugere meramente mudanças para frente. Nas palavras de Michael Reeves e Tim Chester, a frase de Voetius significa: “não um movimento para frente, para um horizonte não definido, mas um movimento contínuo de volta à Palavra de Deus”. A Igreja não deve entender a Reforma como uma bússola que atende aos valores de movimentos modernistas e progressistas, mas propõe que as naturais mudanças culturais e conceituais no decorrer dos anos obrigam a igreja a estar sempre avaliando seus passos, garantindo a manutenção do Sola Scriptura, bem como dos demais solas da Reforma.

O que isso, porém, tem a ver com este tema? Apesar dos conceitos modernos de gestão de recursos e da importância das novas ferramentas de conhecimento e execução dos planos administrativos, todo crente, na vida pessoal e, todo líder, na área eclesiástica, jamais deve entender as Sagradas Escrituras como ferramenta obsoleta ou incompleta para tal finalidade. Igrejas que estão reformando não se recusam a negligenciar a Palavra de Deus nos processos e *modus operandi* administrativos. Embora seja necessário conhecer e valorizar a boa literatura produzida sobre esse tema, devemos priorizar as orientações bíblicas sobre o assunto, pois as Escrituras têm um papel preponderante, primário e fundamental acerca dessa temática. Vejamos dois

exemplos recorrentes.

Primeiro, quanto à correlação entre o Espírito Santo e o planejamento no labor ministerial. Muitas pessoas pensam que o planejamento não é importante e acham que podem administrar todas as áreas de sua vida sem se sentar primeiro com “papel e lápis” à mão. É fato que apesar da necessidade de planejamento, a resposta certa vem do Senhor (Provérbios 16:1) porque é Deus quem dirige os nossos passos (Provérbios 16:9). No entanto, tais afirmações contidas no livro de Provérbios estão justamente acentuando a necessidade do Espírito Santo na elaboração de nossos planos. Para desfazer esse falso paradoxo, nos basta observarmos que o Espírito Santo nos guia na práxis da vida cristã (lembrando que o termo latim para práxis corresponde conceitualmente à junção da teoria e prática), ou seja, o Espírito está presente no momento em que nos assentamos para teorizar, bem como no momento em que nos levantamos para executar.

Jesus, no contexto de sua abordagem sobre o custo do discipulado, ensinou conceitos que apontam para a necessidade do planejamento (Lucas 14:28-32). Expressões-chave como “sentar primeiro”, “calcular os custos” e “consultar” são usadas por Jesus nesse texto bíblico. Na percepção de Hernandes Dias Lopes: “Quem não planeja, planeja fracassar”. Devemos, portanto, buscar a direção do Espírito Santo na consecução de nossos planos e executar nosso planejamento de forma flexível tendo os ouvidos sempre atentos para ouvir a voz de Deus nos orientando acerca das rotas mais eficientes, pois o Espírito Santo fala ao nosso espírito (Provérbios 16:2).

Outro exemplo é quanto à primazia da coleta de dízimos e ofertas no âmbito da captação de recursos eclesiásticos e na prática da mordomia cristã. A teologia da prosperidade, altamente difundida por recursos midiáticos no Brasil, provocou um efeito prejudicial ao Evangelho. Muitas pessoas associam, de forma pejorativa, a Igreja às questões que envolvem o dinheiro. Talvez, por essa razão, muitos púlpitos negligenciam temas relacionados à mordomia. Um dos problemas acarretados por essa negligência é a busca por subterfúgios inconvenientes na captação

de recursos. De acordo com as Escrituras, os cristãos devem ser ensinados a honrar ao Senhor com as suas ofertas e com as primícias de toda a sua renda, isto é, os dízimos (Provérbios 3:9-10).

Ao negligenciar tal princípio, muitas igrejas sofrem com a diminuição da arrecadação financeira e, para resolver o problema, acabam sendo impelidas a recorrer a soluções criativas que envolvem cantinas, bazares, etc. A orientação bíblica é que o cristão seja ensinado sobre as bênçãos de praticar a mordomia cristã, por meio dos dízimos e das ofertas.

A utilização de métodos variados para a captação de recursos, para execução de projetos específicos, não pode ser recriminada, contudo, não substitui o mandamento bíblico das ofertas e dos dízimos como fundamentais para a manutenção da obra (Malaquias 3:10). O pastor deve praticar e ensinar à igreja sobre a necessidade de observância deste importante princípio. Há que se destacar, porém, a importância de que o pastor seja o primeiro a demonstrar fidelidade nos dízimos e generosidade nas ofertas, como exemplo ao rebanho. Um obreiro fiel, certamente ganhará de Deus um rebanho fiel. O líder cristão deve ensinar e viver uma mordomia cristã autêntica.

Considerações finais

Quantas outras questões administrativas sob nossa gestão precisam ser realinhadas à Palavra de Deus? No livro: **“O Cristão e a Administração Financeira”**, de nossa autoria, definimos mordomia como: “Administrar os recursos de Deus emprestados a nós de forma a glorificá-lo”. Que Deus nos ajude a colocar os óculos do prisma teológico antes de nos alimentarmos dos conceitos de gestão disponíveis no mercado, e de tomarmos decisões administrativas em todas as esferas de nossa vida. Com a graça de Deus, sejamos atualizados, porém, fiéis às Escrituras.

Pr. Eliakim Duarte

O autor é pastor da IPR de Amparo, SP. É bacharel em Teologia pelo SPR/CNT. Atua como Consultor Financeiro e é autor do livro: **“O Cristão e a Administração Financeira”** (Ed. Renovada).

PASTORES PARA UM TEMPO DE AVIVAMENTO

O cativo na Babilônia foi um castigo ao povo de Deus, como profetizou Isaías. O Reino do Sul foi levado para um lugar hostil. Eles ficaram longe de sua terra e do templo e perderam a paz e a proteção da terra da promessa. Foram presos e levados ao cativo, onde ficaram por um longo período de setenta anos. Como profetizado por Jeremias (29:10), Deus os trouxe de volta à terra prometida.

No ano 537 a.C., o primeiro grupo de exilados judeus voltou a Jerusalém sob a liderança de Zorobabel, a fim de reconstruir o templo. Depois, em 458 a.C., Esdras liderou o segundo grupo, com o propósito conduzir o povo a um reavivamento espiritual. Em 444 a.C., Neemias chegaria para concluir a obra de reconstrução dos muros e dos portões da cidade.

O livro de Esdras apresenta este período da história de Israel, o retorno dos judeus à sua pátria. A história do povo judeu no cativo e a volta a Sião é o símbolo do início de um novo ciclo. O livro apresenta elementos que esclarecem como os israelitas viveram no pós-cativo e como a boa Mão do Senhor esteve com eles. O livro destaca a liderança de Esdras e ensina preciosas lições para os pastores e líderes que precisam encarar os desafios dos novos ciclos.

A VISÃO DO LÍDER É DETERMINANTE PARA O SUCESSO NOS NOVOS CICLOS MINISTERIAIS

Esdras foi um líder piedoso e com uma visão correta. Ao olhar para as Escrituras, ele entendeu que Deus tinha um plano para o Seu povo e se dispôs a ser usado pelo Senhor. Com a visão da realidade do seu povo e, amparado na promessa da Palavra, Esdras fez um pedido ousado ao rei e pôde ver a boa Mão do Senhor agindo em seu favor. O líder visionário não fica preso à zona de conforto, antes, se dispõe a viver novos ciclos.

Esdras nasceu na Babilônia, mas isso não o impediu de ser um mestre das Escrituras. Alguém que se dedicou à Lei do Senhor. Além de estudar as Escrituras, aplicou à Palavra a sua vida cotidiana. Somado a isso, Esdras ensinou a Palavra de

Deus às pessoas. Ministrou as Escrituras aos corações. Para novos ciclos ministeriais não basta ter visão de crescimento, é necessário também ter visão da Palavra.

NOS NOVOS CICLOS MINISTERIAIS É NECESSÁRIO CONTAR COM A BONDOSA MÃO DO SENHOR

Sempre que o líder age de acordo com a orientação divina, a Mão bondosa de Deus está presente, auxiliando nos desafios ministeriais. O templo reconstruído, mas sem o serviço segundo a Lei, não traria o povo de volta para Deus. Não bastava ter o templo reconstruído e toda estrutura funcionando, era necessário cumprir a Palavra de Deus. Por isso, recorreu ao chefe dos servidores do Templo e lhe pediu que enviasse servidores para atuarem no templo. Seu pedido foi contemplado. Deus o abençoou. Todas as vezes que um líder faz conforme a Lei de Deus, a Mão bondosa do Senhor o faz receber além do que pediu.

Junto ao Rio Aava, Esdras proclamou um jejum para ter uma boa viagem até Jerusalém. Foi um ato de jejum e quebrantamento que envolveu toda a comunidade. O reavivamento passou pela união da comunidade em torno de um propósito. Todos tinham um propósito comum: clamaram ao Senhor para que tivessem uma boa viagem até Jerusalém, com o objetivo de ajudar na reconstrução do templo. Diante dos novos ciclos do ministério pastoral, é preciso agir com propósito e quebrantamento.

Novos ciclos ministeriais exigem recursos humanos e financeiros. A boa Mão do Senhor abençoou a liderança de Esdras, que pôde testemunhar o agir de Deus por meio da contribuição voluntária dos israelitas. Naquele novo ciclo, todo povo de Deus contribuiu: ofertas voluntárias que foram administradas por pessoas que temiam a Deus.

A ORAÇÃO É UM RECURSO INDISPENSÁVEL PARA O SUCESSO NOS NOVOS CICLOS MINISTERIAIS

O povo que retornara do cativo para

viver um novo ciclo não se manteve obediente a Deus. Muitos homens se casaram com mulheres que não eram de Israel e não serviam ao Deus de Israel. Não somente os solteiros estavam fazendo isso, mas os casados estavam se divorciando das suas mulheres para se casar com as mulheres estrangeiras. Esse tipo de casamento era proibido pela Lei. Muitos dos que se casaram com mulheres estrangeiras começaram a praticar os mesmos pecados que os povos pagãos praticavam: idolatria e imoralidade. A pergunta que se apresenta é: no contexto dos novos ciclos, o que o pastor deve fazer quando o povo perde de vista o propósito? As ações de Esdras, descritas no capítulo 9:3-4, indicam que a oração é imprescindível em situações complexas.

No início, durante e ao final de cada ciclo, devemos nos dedicar à oração. A oração de Esdras reconheceu a graça de Deus, que sustentou os israelitas em todo tempo e os abençoou abundantemente, proporcionando-lhes um poderoso reavivamento e o privilégio de reconstruírem o templo. Diante dos novos ciclos, o pastor deve depender da graça de Deus. Todas as conquistas devem ser vistas como fruto da misericórdia divina. É a graça de Deus sobre o ministério pastoral que o faz o pastor ter êxito em seu trabalho.

Considerações finais

A liderança ministerial de Esdras nos ensina que, no pastorado, tudo deve ser para a glória de Deus. Diante dos desafios dos novos ciclos, o pastor deve compreender que só terá bom êxito com a imprescindível ação da bondosa Mão de Deus: “Assim, eu me animei, porque a mão do Senhor, meu Deus, estava sobre mim, e reuni alguns chefes de Israel para voltarem comigo” (Esdras 7: 28).

Flávio Santos

O autor é pastor da IPR de Nova Mutum, MT.

Teólogo formado pelo SPR-CNT e pela FTSA. Escritor das seguintes obras: Aba, Pai; Mathetes; Apenas Evangelho

O ALTAR DA DEVOÇÃO: ELEMENTO FUNDAMENTAL PARA O SUCESSO DIANTE DOS NOVOS CICLOS

Em seu livro: “Celebração da Disciplina”, Foster (2007, p.29) faz uma pertinente observação ao analisar o cenário em que nos encontramos: “A superficialidade é a maldição de nosso tempo. A doutrina da satisfação instantânea é, antes de tudo, um problema espiritual. A necessidade urgente hoje não é de um número maior de pessoas inteligentes, ou dotadas, mas de pessoas profundas”.

As Escrituras apresentam o chamado de Deus a um homem, para que este vivesse um projeto que abençoaria e alcançaria milhares de pessoas. Seu nome até então era Abrão, que posteriormente passou a ser Abraão. Sua história inicia-se em Gênesis 12. A relevância de Abraão no plano salvífico de Deus é notória, pelos títulos usados por autores bíblicos para descrevê-lo. A quantidade de espaço destinado para nos contar os eventos de sua vida são mais uma evidência de quão importante ele foi. Abraão é chamado de amigo de Deus (Isaías 41:8; Tiago 2:23). Ao fazerem referência ao Deus Todo-Poderoso, os escritores bíblicos o chamam de “Deus de Abraão”.

São muitas as virtudes que podemos encontrar na vida do “Pai da fé”. A proposta deste artigo é destacar o coração devoto deste homem chamado por Deus para se lançar numa jornada de fé, para ir em direção ao desconhecido, para caminhar em obediência, iniciando assim, um novo ciclo em sua vida. Abraão vivia na cidade de Ur, uma das mais importantes daqueles dias. Era um centro comercial de destaque na região Mesopotâmica. O pai de Abraão era Terá, um pastor que se estabelecera naquela região. Sua família estava sob a influência religiosa daquela cultura.

Foi nesse contexto que Deus o chamou e o ordenou, para que deixasse sua família, sua cidade e se dirigisse para uma terra desconhecida. Deus lhe disse: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei” (Gênesis 12:1). Abraão, prontamente obedeceu a convocação divina. Seria um novo ciclo, uma nova fase, um grande desafio a ser enfrentado. Dentre as muitas lições que podem ser extraídas da vida deste homem de fé, aprendemos

que Abraão foi um homem que construiu “altares” ao Senhor.

Mas o que é um altar? Altar vem do latim “altus”, que significa: lugar elevado, lugar alto, feito para ato de culto. Quando relacionado à espiritualidade judaica/cristã, o altar está associado ao culto e a honra ao Senhor. No Antigo Testamento, a palavra altar aparece, aproximadamente, 400 vezes. Na narrativa bíblica, o altar é apresentado como local para oferecer oferta ao Senhor e era o símbolo da adoração, do compromisso e do reconhecimento da aliança do Senhor (Gênesis 33:20; 35:7; Êxodo 17:15; Josué 22:10). Aplicado à devocionalidade cristã, podemos dizer que o altar é um lugar onde nos encontramos com o Senhor, ouvimos a sua voz, recebemos suas instruções e nos rendemos diante de Sua majestade. Em outras palavras, para os cristãos, o altar é um lugar de intimidade e de comunhão com Deus. As Escrituras narram quatro momentos em que o “Pai da Fé” esteve diante do altar do Senhor:

O primeiro altar foi construído em Siquém, que ficava situada nas proximidades dos montes Ebal e Gerizim, no entroncamento das estradas da Palestina Central. Essa região ficou marcada como um lugar de tomadas de decisão. Foi ali que os israelitas deveriam se reunir para fazer a sua escolha, ou se seguiriam de fato ao Senhor ou não (Deteronômio 11:29-30). Neste mesmo local, Josué pronunciou a sua última exortação ao povo de Israel (Josué 24). Foi neste local que o reino de Salomão foi dividido em dois (1 Reis 12). Nesse lugar Abraão construiu o seu primeiro altar ao Senhor.

O segundo momento em que encontramos Abrão diante de um altar, foi entre Betel e Ai (Gênesis 12:8). O nome Ai significa: “monte de ruínas”. Trabalhos arqueológicos revelaram que este local foi abandonado por no mínimo 500 anos antes de Abrão ali chegar. As ruínas eram uma cidade-fortaleza, construída pelos egípcios. Nessa montanha, em meio às ruínas, Abrão adorou ao Deus que o tirou de sua terra.

O terceiro altar edificado por Abrão está registrado em (Gênesis 13:14-18). Logo após a separação de seu sobrinho

Ló, o Senhor apareceu a ele, e mais uma vez confirmou as promessas que lhe havia feito. Ordenou a Abrão que percorresse a terra, o Senhor lhe disse que toda a terra que estava diante dele seria uma dádiva aos seus descendentes. Abrão foi para o Sul e se instalou em Manre, próximo a Hebrom. Nesse local, encontramos mais uma vez Abrão edificando um altar e adorando ao Senhor.

Por fim, o quarto momento em que encontramos o “Pai da Fé” diante de um altar, está em (Gênesis 22:1-14). Esse momento, com certeza, figura entre os mais tensos na vida de Abraão. Seria o teste do amor a Deus. Até que ponto estaria ele disposto a ir por amor ao Senhor e qual seria o limite da sua fé? Deus pedira Isaque, o filho da promessa, como oferta a Ele. Abraão foi aprovado, ele estava disposto a fazê-lo, mas sempre crendo que o Senhor iria prover o sacrifício, como de fato aconteceu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprendemos com a história de Abraão que o altar é, por excelência, um lugar de adoração, de entrega e de rendição. O altar da devoção é imprescindível diante dos desafios dos novos ciclos. Quando aprimoramos nossa vida de comunhão com Deus, afastamos nossos pés dos “laços” da superficialidade, marca tão presente em nossos dias. Diante do altar, Deus renova suas promessas. No altar da devoção, nossos corações são aquecidos e a esperança e a fé são fortalecidas. Diante dos novos ciclos e dos desafios ministeriais, é de extrema importância que não nos afastemos do altar do Senhor. A história de Abraão nos ensina que o segredo do sucesso e do êxito na caminhada de fé, passa, necessariamente, pela permanência diante do altar de Deus.

Jakson Gonçalves dos Santos

O autor é pastor da IPR de Jaguapitã, PR. É Mestre em Ciência da Religião pela PUC-São Paulo. Possui licenciatura em História e bacharelado em Teologia.

BODAS DE OURO DO PR. DÁRIO CAETANO E IVONE CAETANO



Em trinta e um de dezembro de 1971, Pr. Dário e Ivone iniciaram sua jornada matrimonial. Em uma cerimônia celebrada pelo Pr. Celcino Marques de Azevedo, realizada no templo da Igreja Cristã Presbiteriana, em Perobal, PR, o jovem casal se uniu pelos sagrados laços do matrimônio. O Senhor concedeu ao casal a bênção de formar uma linda família sacerdotal. Ao longo dos anos os filhos chegaram e a família aumentou: composta de 5 filhos, 2 noras, 2 genros, 17 netos e 3 bisnetos.

Atualmente, quatro de seus filhos, juntamente com seus respectivos conjuges, estão engajados no ministério Pastoral, honrando o exemplo e o legado dos pais. Os demais servem ao Reino por meio de funções de liderança na obra de Deus.

A trajetória matrimonial e ministerial de Dário Caetano e Ivone Caetano, tem sido marcada pela bênção de Deus. O casal decidiu viver os propósitos de Deus, com obediência, fé e renúncia. Firmados nas promessas do Senhor, seguem vencendo os obstáculos, atravessando bons e maus momentos, com respeito e harmonia.

Esse casal exemplar nos ensina preciosas lições sobre a vida, a família e o ministério pastoral. Pastores há 51 anos, eles têm testemunhado o cuidado e a provisão do Senhor em todo tempo. Por meio de um testemunho ilibado e um estilo de vida que comunica a Cristo, este aben-



çoado casal tem colhido frutos extraordinários no profícuo ministério que o Senhor lhes outorgou.

Em 31 de dezembro de 2021, Pr. Dário e Ivone Caetano alcançaram a importante marca de 50 anos de feliz união conjugal. Filhos, noras, genros, netos e bisnetos, acompanhados de familiares, amigos,

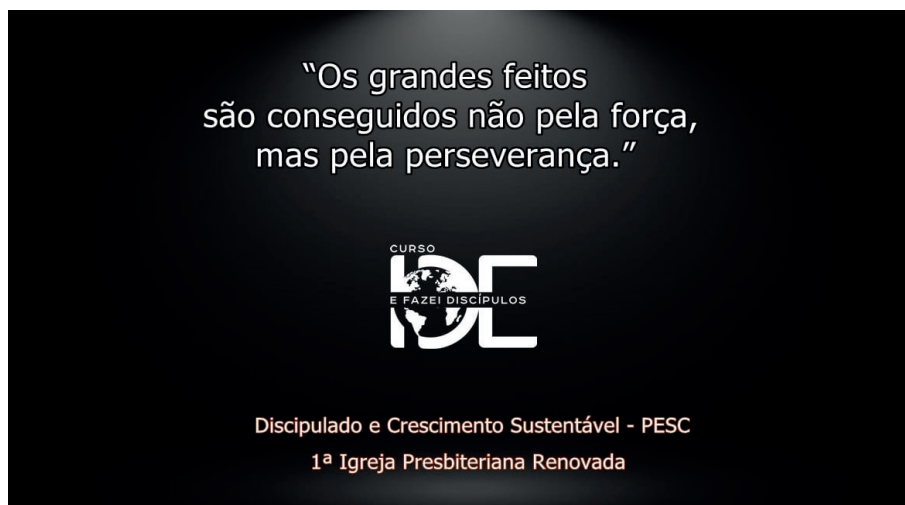
ovelhas e pessoas queridas, fizeram parte da celebração de Bodas de Ouro, no dia 7 de janeiro de 2022. Expressamos toda nossa gratidão ao Senhor pela linda jornada trilhada, durante os 50 anos de vida conjugal feliz e abençoada.

Ellen Caetano

1ª IPR DE PONTA GROSSA, PR, REALIZA FORMATURA DO CURSO IDE

No dia 18 de dezembro de 2021, a 1ª IPR de Ponta Grossa, PR, realizou cerimônia de formatura do Curso IDE com um total de 24 formandos. O referido curso faz parte do Projeto de Crescimento Integral Sustentável da IPRB. O material utilizado foi da Série PESCE, dividido em quatro módulos: Fundamentos da Fé; Igreja, Discipulado e Liderança; Pequenos Grupos; Maturidade. As atividades do Curso IDE tiveram início em 5 de fevereiro de 2021 e terminou no dia 26 de novembro de 2021, perfazendo um total de 40 horas. O Curso foi coordenado pelo presbítero Amauri dos Santos e Elaine Pinheiro dos Santos e contou com todo apoio do Pr. Marcello Scopel e do Conselho da Igreja. No evento de entrega dos certificados de conclusão do curso, o Pr. Adriano Cordeiro ministrou uma abençoadora palavra bíblica.

Amauri dos Santos



DORCAS: UMA MULHER DE PROPÓSITOS

Em toda sua história, a Igreja Cristã sempre foi edificada por homens e mulheres, com um alto senso de disponibilidade, isto é, pessoas que se colocaram inteiramente à disposição do Senhor, para serem usadas por Ele. Por ocasião das comemorações alusivas ao Dia Internacional da Mulher, 08 de março, apresentamos uma reflexão sobre Dorcas, uma personagem, cuja vida foi totalmente dedicada ao Senhor. O livro de Atos do Apóstolos dá um destaque especial para a trajetória de Dorcas, enfatizando sua vida de piedade e temor a Deus.

Na história bíblica, Dorcas não ocupa o mesmo destaque que outras personagens de maior visibilidade, porém, isso não a impediu de servir ao Senhor com todos seus dons e talentos. A atividade profissional que desenvolvia um trabalho simples: ela era uma costureira. Naquela época, muitas mulheres também desenvolviam a atividade de costureira, mas o diferencial de Dorcas era sua disponibilidade em servir ao próximo e ao Reino de Deus.

A descrição bíblica sobre Dorcas aponta para uma mulher de dinamismo, que conseguiu enxergar em seu talento para a costura, uma via por meio da qual poderia ajudar outras pessoas e expandir o trabalho de suas mãos para se tornar fonte de bênçãos na vida de outras pessoas. Ela colocou seus talentos à disposição de Deus para abençoar as pessoas que estavam ao seu redor.

A cidade de Jope era localizada na costa litorânea, onde se encontrava um importante porto do Mar Mediterrâneo. Uma região que sofria com frequentes tempestades marítimas e grande número de naufrágios, tirando a vida de muitos marinheiros e pescadores. Neste contexto, o cuidado e o amparo social das viúvas constituíam-se em um grande desafio para a Igreja. O texto de Atos 9.36-42 revela a disposição de Dorcas em servir, por meio trabalho de costureira servindo às pessoas necessitadas. Possivelmente, ela encontrou seu propósito no serviço às viúvas da cidade de Jope e contribuiu para propiciar condições dignas de vida

àquelas mulheres.

A narrativa bíblica diz que Dorcas foi acometida por uma doença e veio a falecer. O apóstolo Pedro, ao chegar no lugar onde ela estava, foi cercado por mulheres, em sua maioria viúvas: “Todas as viúvas o rodearam, chorando e mostrando-lhe os vestidos e outras roupas que Dorcas tinha feito quando ainda estava com elas” (Atos 9:39). Há uma particular ênfase para suas boas obras, que abençoaram a vida de muitas mulheres.

A história de Dorcas traz à tona um princípio que se repete ao longo de toda história bíblica, qual seja:

a obra de Deus se consolida e avança a partir da disponibilidade de pessoas que se dispõem a serem usadas nas Mãos de Deus. A Igreja não está fundamentada no trabalho de alguns que alcançam visibilidade, mas sim no empenho e na disponibilidade daqueles que se colocam inteiramente à disposição do Senhor. Não há registro das palavras de Dorcas, mas a informação bíblica é de um serviço abnegado e de boas obras.

Um elemento que merece ser ressaltado é que Dorcas foi a primeira mulher gentia (grega) a receber o título de discípula. Nesse quesito, ela se destacou em relação às demais mulheres da Bíblia.

Como verdadeira discípula de Cristo, ela demonstrou verdadeiro amor ao próximo. Podemos dizer que suas atitudes revelam uma marca indispensável aos discípulos: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:35).

Considerações finais

Por meio da vida Dorcas, Deus foi glorificado. Ao usar seu talento a serviço dos necessitados, aquela mulher revelou seu amor a Deus e ao próximo. Seus atos de bondade e de generosidade, bem como sua disposição em servir a Deus, revelam que ela era uma verdadeira discípula, temente ao Senhor e disposta a abençoar aqueles que necessitavam. A história dessa mulher é inspiradora. Você, mulher cristã, acredite que Deus tem um propósito especial para sua vida. Use seus dons e talentos para abençoar pessoas e glorificar o nome de Jesus. Seja um canal de bênçãos nas Mãos do Senhor. Uma serva valiosa, uma Mulher de obras notáveis.

Milayne Martins Loiola de Paiva

A autora é Bacharel em Teologia pelo SPR-Cianorte.

Auxiliar de seu esposo, Pr. Jezreel Paiva, na IPR de Farol-PR.

JORNAL
RENOVADO

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DO BRASIL

DIRETORIA EXECUTIVA DA IPRB - TRIÊNIO 2019-2021

Presidente: Pr. Advanir Alves Ferreria - Vice-presidente: Pr. Marcos P. de Andrade - Sec. Executivo: Pr. Antônio Carlos Paiva - 1º Secretário: Pr. Marcos Antônio C. Zengo - 2º Secretário: Pr. Jair da Cruz Lara - 1º Tesoureiro: Pr. Sebastião Ap. D. Guerra - 2º Tesoureiro: Pr. Anairton de Souza Pereira.

EDITORA RENOVADA. Editores: Rodrigo Pinto de Andrade e Francielle Garuti de Andrade.

REDAÇÃO: Rodrigo Andrade - Franciele Andrade - Emerson Dutra.

EDITORAÇÃO: Andréa Tragueta

Publicações de matérias de interesse interno da igreja, sem finalidade lucrativa. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores. Textos e fotos remetidos para publicação entram, a partir da publicação, em domínio público, não cabendo ao autor qualquer reclamação quanto a direitos autorais.

Editado bimestralmente. Fundado em dezembro de 2019, pela Diretoria Administrativa da IPRB, é sucessor, para todos os fins de direito, do Jornal Aleluia, que foi fundado em janeiro de 1972, pelos pastores Abel Amaral Camargo, Azor Etz Rodrigues, Nilton Tuller e Palmiro Francisco de Andrade, publicado até a edição 450.

Conheça mais do nosso material

Recursos didático/
pedagógicos

material interativo

Intertextos

metodologia expostiva/
devocional

